

INQUIETANTE, PORÉM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: UMA LEITURA CRÍTICA

AN UNSETTLING BUT ADMIRABLE NEW WORLD: A CRITICAL READING

UN MUNDO FELIZ, AUNQUE INQUIETANTE: UNA LECTURA CRÍTICA

Grazielle Almeida Batista Silva¹
Luis Fernando Lopes²

HUXLEY, Aldous (1894-1963). **Admirável Mundo Novo**. 20 ed. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. São Paulo: Editora Globo, 1996.

Palavras-chave: revolução científica; humanidade; padronização; estabilidade.

Keywords: scientific revolution; humanity; standardization; stability.

Palabras clave: revolución científica; humanidad; estandarización; estabilidad.

Para principiar suas inspirações, o autor apresenta o antagonismo do próprio nome da obra: “Admirável Mundo Novo”. Para Aldous Huxley, este mundo tão admirável e presumivelmente novo, traz em sua essência duas alternativas para a humanidade: viver na utopia de uma vida dominada, subjugada, submissa a prazeres fugazes em benefício da “*Comunidade, Identidade, Estabilidade*”, ou sucumbir em uma vida primitiva, remota, ancestral, na qual os conceitos de ética, justiça e isonomia seriam inapropriados e inaceitáveis para este “Novo Mundo”.

Alfas, Gamas, Deltas e Epsilons, detalhadamente uniformizados e unificados em suas castas, sem transgressões ou maiores contravenções, em exímia conformidade com o conceito de liberdade dentro de uma comunidade totalmente modificada geneticamente, produzida e automatizada para seus devidos fins, que, de acordo com o livro, “justificam os meios” porque agem em benefício comum. Será?

O autor expressa de forma clara uma revolução industrial humana, em que a produção desenvolvida pelo *Processo Bokanovysk* dispõe de um modelo produtivo de humanos, inseridos em um contexto que com certeza não estaria na atualidade, nos conceitos tradicionais, morais, éticos e religiosos de fecundação, desenvolvimento e nascimento do homem. Uma literatura além dos conceitos preestabelecidos, futurista. Excêntrica e até herege para alguns, que ainda

¹ Professora (Ensino Médio, Fundamental II e Fundamental I) na área de Ciências Humanas. Desenvolve técnicas motivacionais visando a valorização do indivíduo. E-mail: graziellealmeidabc@gmail.com

² E-mail: luis.l@uninter.com

não conseguiram perceber que a tecnologia está a dominar as esferas sociais e religiosas por intermédio de seu próprio criador.

Neste *Admirável Mundo Novo*, o lema do Estado Mundial é: comunidade, identidade estabilidade. Tais palavras são e devem ser diariamente afixadas nas mentes e no comportamento humano, independente da casta e do trabalho exercido. Afinal, a harmonia social depende de cada um fazendo a sua parte. Sem reclamações, oposições, questionamentos, apenas fazendo o que foi programado para fazer “a educação moral, que não deve jamais, circunstância alguma, ser racional” (p. 24). Tal conhecimento concentra a notória revelação do homem produzido, concebido geneticamente para não pensar, mas, sim, para obedecer.

O processo de repetição e acúmulo de movimentos, pensamentos e ações, produzidas para que o homem seja uma máquina eficaz para não falar, não agir, não se expressar e não questionar a verdade em que consome a sua essência humanista [...]. “Para isso é preciso palavras, mas palavras, sem explicação racional. Em suma a Hipnopédia” (p. 26).

A identidade é coletiva, porém é seletiva. Ela corrobora com a força motriz da tecnologia e do consumo em prol do progresso, ao custo intensivo e massivo de seres humanos produzidos sem nenhum critério ético ou condescendente com o humanismo. Embriões, fetos, crianças, adolescentes e adultos. Todos identificados a partir das suas castas, vivendo em um mundo perfeito, motivados pela estabilidade social, criada pelo mundo fictício em que todos são importantes para o progresso, ninguém é desmerecido porque todos, independentemente da sua posição ou habilidade, acrescentam na evolução sugerida, dominada, massacrada pelos mais fortes em detrimento dos mais fracos.

A consciência de classe (ou a falta dela) também é um dos pontos fortes a ser observado no livro. Desde pequenos, os seres humanos são arrebatados a não ter este sentimento ou ação, ou até mesmo essa reflexão, para que a ordem não entre em um caos social. A consciência de classe, além de ser algo horrível neste Novo Mundo, é também algo a ser desmerecido e subjugado: “Mais vale acabar que consertar [...]” (p. 39). Um árduo retrocesso do ser humano, em que o “acabar” implica em toda sua extensão, seja ela, ética, ecológica, econômica, espiritual, social. E o “não consertar” traz as características do consumismo, do dispêndio, do gasto excessivo e essencial para o primordial progresso às custas de todos em benefício recôndito de poucos.

Existe uma consideração a ser apresentada no âmbito espiritual sobre a religião, especificamente o Cristianismo, em que seria definitivamente um dos problemas que os seres humanos antes do *Processo Bokanovysk* se perdiam por causa da instabilidade que a religião trazia para as suas mentes e suas ações. Desenvolviavam euforia, descontrole, renúncia,

depressão, medo de algo que não entendiam e não podiam visualizar. A própria religião é considerada alucinante e altamente perigosa para manter a estabilidade e o “Estado Moderno”. No progresso, sem religião ou as alucinações, todos fazem o que bem entendem (desde que a coletividade esteja a frente), podem viver mais e não temer a um deus que não existe. E ainda, acaso se sintam infelizes, o que é raro acontecer, diante todo o processo desenvolvido para evitar o recuo da estabilidade, podem tomar meia ou uma grama de “soma” (pílula), que lhes trará novamente o discernimento e a calma deste Admirável Mundo Novo.

Algo impertinente (ou talvez pertinente) aos olhos do leitor é a revolução sexual, a liberdade sem a moralidade e os bons costumes que recaem sobre a ética familiar, religiosa e social. Principalmente em relação às mulheres, quando estas não mais geram filhos e são tão ativas e enérgicas sexualmente quanto os homens. O pudor é algo repulsivo e repreendido, já que a liberdade é algo incentivado sem imposição de crenças ou convicções: “sim, agora todos são felizes” (p. 54).

Mulheres e homens não são mais geradores, procriadores, genitores, mas sim fervorosos em seus desejos e anseios sexuais e apenas isto, pois o autor nos deixa a livre compreensão de que não existem e que seria herege existir relacionamentos duradouros, afetividade, compromisso nas relações. A fugacidade é altamente preservada para a continuidade da estabilidade social. O condicionamento ao qual foram criados exclui total responsabilidade afetiva e demonstração de amor entre as pessoas.

No Admirável Mundo Novo há a liquidez nas relações, nada é feito para durar. Tal condição se faz presente em todos os aspectos sociais. Demonstrações emotivas e de afetuosidade nas relações trazem, além da inconveniência, repreensão e revolta. O comportamento emocional é tratado como algo doentio e problemático, devendo ser expurgado para não “sujar” o que está sadio e dentro da normalidade para o bem comum.

Huxley conceitua um mundo onde as pessoas são e devem ser tratadas como um todo e um nada ao mesmo tempo, no qual as relações são vivenciadas sem criação de laços afetivos ou compromissos, extinguindo o conceito de família, lar, amor, compaixão, alteridade, humanismo e de correlações condizentes à sensibilidade humana. No entanto, o progresso e a padronização fazem parte da engrenagem deste mundo, e tudo deve estar em perfeita ordem para que o caos não se estabeleça e desequilibre o sistema.

Existe um embate que deve ser ressaltado, sendo este protagonizado pelo personagem Bernard Marx. O autor evidencia a polarização do personagem Bernard, colocando-o em um constante conflito existencial, expondo suas inquietações diante perguntas que não poderiam ser respondidas por causa do próprio sistema adotado, além de uma angústia do que seria se

não tivesse neste Admirável Mundo Novo. Bernard Marx encontra com outra personagem, Lenina Crowne, uma Alfa bem requisitada e popular entre os Alfas que faziam parte da sua condição elevada de casta.

Lenina não tinha as aflições de Bernard, era uma Alfa completa, muito bem condicionada desde sua criação embrionária. No entanto, ela tinha uma certa curiosidade e atração pelo Bernard, o que causava repulsa entre as suas amigas, pois o Bernard, apesar da sua eficiência no trabalho ao qual era direcionado, não tinha os padrões físicos de um belo e corpulento Alfa.

É importante ressaltar que não havia exclusões apenas na reserva dos hostilizados “selvagens” por suas condições ainda rudes, tanto no comportamento quanto na condição em que viviam, mas também havia lugares, ilhas, nas quais aqueles que, mesmo tendo nascido na “civilização”, no projeto visionário e nos preceitos de Ford, não conseguiram se adaptar ou se adequar ao sistema. Assim, poderiam trazer um desequilíbrio com os seus pensamentos e questionamentos, sendo julgados e transferidos para estes locais isolados, para não perturbar a comunidade, a identidade e a estabilidade. Ali, viveriam até o último suspiro.

Análoga ao exemplo desses relatos está a condição do ser humano, quando este não se adequa aos paradigmas impostos. Tendo que se excluir ou ser excluído na sociedade, sendo tratado como inferior ou insano por não aceitar os padrões impostos. Ao trazer algo externo, impróprio, inadequado, para o Admirável Mundo Novo, como o próprio selvagem John denominou este novo mundo, Bernard se corrompe com a vaidade e o ego da descoberta e do fascínio gerado por John, o selvagem.

O autor contrasta este ego que vem de Bernard sentir-se superior ao outro, com a frustração de ser apontado socialmente como inferior, apesar de pertencer a uma casta elevada. Ao tentar suprimir a inferioridade que já lhe abatia há muito tempo, com um novo comportamento diante das castas inferiores e até mesmo diante de sua própria casta, Bernard torna-se vítima contundente de si próprio. Lenina também entra em um novo momento, em que se deixa levar pelas emoções, o que não é permitido por causa das questões históricas que ela trouxe para a “nova civilização”. John torna-se, para ela, alguém muito especial. No entanto, John é um selvagem, foi criado livre e em condições culturais que a própria Lenina nunca poderia compreender, por sua condição embrionária, de nascimento e de crescimento a partir do *Processo Bokanovysk*. Ali, todos estavam seguindo de forma rigorosa os padrões em que foram criados. Dualidades confrontadas pela sociedade, ciência, tradição, religião, moralidade, ética e humanização.

Embora Huxley esclareça a dualidade destes dois mundos, é relevante ressaltar que eles se fundem baseado no princípio da natureza humana. Existe uma crise existencial, questões não respondidas, ações inadequadas, valores distorcidos para ambos os mundos expressos nesta admirável obra. Seja no novo, seja no velho mundo. A natureza humana em seu estágio primitivo, civilizatório ou científico baseia-se em uma perspectiva de existência e ascensão em que a continuidade só lhe é permitida através da coletividade, da sociedade, da ajuda mútua entre os seres humanos. Fora isto, está condenada a uma breve ou tardia extinção.

Acerca do convívio de John neste Admirável Mundo Novo, é considerável o desconforto diante da tecnologia, o modo de vida e a ausência de emoções dos civilizados. O prosaísmo das castas mediante a obediência e a submissão em prol do progresso, da ordem e da estabilidade. E mesmo que neste mundo alguns quisessem romper com o processo ao qual estavam acostumados, seriam banidos, porque ali estava a perfeita, a ideal, a controlada civilização.

O preço a se pagar para dispor de *comunidade, identidade, estabilidade* é demasiadamente alto, assim concluiu o selvagem John. Quanto a Bernard e Lenina, cada um pagou o preço de levar até a civilização algo tão enigmático, abstruso, como o selvagem. John, o selvagem, pagou um preço muito alto tanto emocional, quanto cultural, moral, ético, social e religioso ao se deixar levar e permanecer na civilização. Todos de certa forma ganharam com a experiência incomum, mas as perdas excederam as condições humanas de se estabelecer em ambos os lados uma convivência sem maiores infortúnios ou danos, tanto no que diz respeito ao indivíduo quanto à coletividade.

Aldous Huxley expõe a beleza angustiante do progresso e da ciência em divergência com a feiura libertadora do arcaico e do deplorável. A obra *Admirável Mundo Novo* tem grande relevância e contribuição às reflexões do mundo contemporâneo, apresentando um viés sobre a tecnologia aliada ao progresso sem jugo, enunciando o crepúsculo de uma civilização sem preceitos humanistas.